



# Mulheres visionárias e apóstolas: instrumentos do Divino para a transformação da Igreja e da sociedade

Visionary women and apostles:  
Divine's instruments for church and society  
transformation

*Vera Cristina Weissheimer\**

Recebido em: 20/03/2020. Aceito em: 03/04/2020.

**Resumo:** *O presente artigo tem por objetivo traçar uma linha que entrelaça a atuação da mulher, sua inclusão ou não no contexto em que se encontra e a relevância da missão de se fazer visível na historiografia oficial. O texto busca abordar como a atuação, missão, exclusão e apagamento das mulheres nos diversos contextos sociais e eclesiais têm interfaces e profundo enraizamento nos textos bíblicos, sendo fruto de uma determinada hermenêutica. Com o auxílio de passagens bíblicas o texto aponta para um necessário cuidado hermenêutico, com a escolha dos textos e textos retirados de contexto. Ainda, o necessário cuidado que é preciso ter em não relativizar a exclusão das mulheres de campos de atuação com justificativas que já não cabem mais para a contemporaneidade.*

**Palavras-chave:** *Missão da mulher na Igreja. Exclusão do contexto histórico e eclesial. Mensagem pascal.*

**Abstract:** *This article aims to draw a line that interweaves the performance of women, their inclusion or not in the context in which they find themselves and the relevance of the mission of being visible in official historiography. The*

\* Mestra em Ciências da Religião (UMESP-Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2000). Especialista em Psicologia Analítica (Instituto Junguiano de Santa Catarina-IJUSC/UNISOCIESC, Florianópolis, SC, 2020). Bacharela em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 1994). Bacharela em Psicologia (Faculdade CESUSC, Florianópolis, SC, 2019). Formação em Capelania Hospitalar (Kirchliche Hochschule Bethel, Bielefeld, Alemanha, 2005).

E-mail: veracristinaw@gmail.com





*text seeks to address how the performance, mission, exclusion and erasure of women in different social and ecclesiastical contexts have interfaces and deep roots in biblical texts, being the result of a certain hermeneutics. With the help of biblical passages the text points to a necessary hermeneutic care, with the choice of texts and texts taken out of context. It also calls for the necessary care that must be taken in relativizing the exclusion of women from fields of action with justifications that no longer fit for contemporary times.*

**Keywords:** *Mission of Women in the Church. Exclusion from the historical and ecclesiastical context. Paschal message.*

## Introdução

*O movimento de mulheres foi – é – para mim, para minha geração, essa corda em que subimos para provar que, ao alcance da mão, se oferece a nós um mundo mais terno, mais suave. Se assim não for, o fato de termos podido imaginá-lo já nos terá aproximado, talvez, de um objetivo mais modesto, mas quão precioso, o de inaugurar relações humanas em que a aceitação da diferença sem desigualdade reconcilie homens e mulheres e ponha fim ao desencontro consigo mesmas.*

*Rosiska Darcy de Oliveira<sup>1</sup>*

As mulheres pintam céus azuis nos dias mais nublados de suas vidas. Elas são capazes de abrir portas em paredes fechadas e continuar acreditando que há vida para além dos interditos. Foi (e é) preciso força para abrir cada porta, e, cada porta aberta é quase reinventar a roda sempre de novo. Por isso, o convite para visitar algumas dessas portas. O objetivo do presente artigo é um olhar para a missão e papel da mulher no interior do contexto da igreja e da sociedade; para tanto, com o auxílio de passagens bíblicas aponta para um necessário cuidado hermenêutico e as possibilidades hermenêuticas possíveis. Também se pretende uma reflexão sobre as marcas que homens e mulheres trazem consigo, oriundas de tradições e ideais que estão presentes, sem que sejam, necessariamente, perceptíveis ‘a olho nu’.

As mulheres conseguiram grandes avanços no mercado de trabalho, mas ao retornarem às suas casas há um mundo de tarefas que as esperam. Como a educação, em grande parte, ainda está sob a sua responsabilidade, poderia se supor que está nas mãos das mulheres a possibilidade de engendrar mudanças na cultura que as oprime. Mas não

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.18.



é correto, nem justo, novamente, responsabilizá-las, porque, também elas, estão imersas em um modo patriarcal de conceber a vida. Para que homens e mulheres possam construir verdadeiras parcerias, a partir de um novo olhar para a vida e as relações, definitivamente, é preciso partir para uma educação de meninos e meninas de forma mais inclusiva.

É preciso, no entanto, que se reconheça a forte influência das marcas religiosas e sociais que engendram as relações e visões de mundo. A sociedade ocidental é profundamente marcada pela tradição judaico-cristã – mesmo quem não vive ativamente uma vida de fé é por ela marcada –, porque é fundamento do *ethos* ocidental, isto é, da percepção que se tem no ocidente do modo de viver, construir as leis, sua ética e sua moral sob uma ótica patriarcal.

Mulheres e homens trazem consigo formas de olhar e viver as relações e eventos da vida profundamente influenciados, nem sempre conscientes, de ideias e ideais, construções e imposições, papéis que lhes são destinados, quase que como se fossem papéis naturais.

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung escreve sobre essas imagens primordiais que influenciam as pessoas de forma inconsciente, definindo-as como “sedimentos de experiências constantemente revividas pela humanidade”<sup>2</sup>. Ele chama essas imagens primordiais de arquétipos, que, por sua vez, são definidos por ele como “uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas [...]. É possível supor que arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição de reações subjetivas”<sup>3</sup>.

Segundo Jung, os arquétipos “não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências”<sup>4</sup>. Assim é importante que se pergunte sobre qual imagem primordial ou princípio formal as relações são vividas e as visões de mundo são construídas. Sob que imagens primordiais estão baseadas as concepções de feminino e masculino, do paterno e do materno.

Assim, no arquétipo materno ou paterno carregamos um depósito do vivido e aprendido sobre o que é ser pai e mãe que vem como herança

<sup>2</sup> JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Obras Completas. Vol. 7 Petrópolis: Vozes, 2014. p. 80 (§109).

<sup>3</sup> JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*, p. 80 (§109).

<sup>4</sup> JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*, p. 80 (§109).



histórica. Por exemplo, quando você ouve a palavra *pai* ou *homem* o que lhe vem à memória? Quando ouve a palavra *mãe*, ou *mulher*, ou *lar*?

## A missão da mulher como ação profética

*Vejo a mulher como agente principal de transformação do país.*

*Zilda Arns<sup>5</sup>*

Maria Madalena recebeu, em primeira mão, a notícia de um esperar para além da morte. As mulheres são gestoras de transformações, seja nos textos sagrados ou no dia a dia das comunidades, na sociedade e no teologar. Quando elas se permitem conjugar os verbos esperar e teologar é muito mais comum que o façam a partir de uma perspectiva inclusiva, libertária, compassiva e de valorização e empoderamento de toda aquela e todo aquele que se soma à caminhada. E, assim, o mundo esperaneia.

Esperançar, um verbo difícil de conjugar, dá trabalho. Segundo Maria Cecília Domezi, no âmbito político e social internacional, as mulheres foram conquistando direitos civis e alcançando êxito com o movimento sufragista. Primeiro “nos países escandinavos [...], seguindo-se os países alemães e bálticos e também os Estados Unidos, logo após a Primeira Guerra. Em 1929, foi conquistado na Grã-Bretanha, após a segunda Guerra, na Itália, França e Espanha”.<sup>6</sup> A reivindicação por direitos das mulheres acabou por desembocar na Declaração Universal dos Direitos do Homem, das Nações Unidas, em 1948 e, em 1952, na Convenção sobre os Direitos Da Mulher.<sup>7</sup>

No cenário político brasileiro, a luta sufragista se consolidou em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em novembro de 1927, quando aconteceu a primeira concessão de voto à mulher no país. Também, no Rio Grande do Norte, Lúzia Alzira Soriano Teixeira passa a ser a primeira prefeita eleita no Brasil, na cidade de Lajes, em 1928. Somente em 1932 o presidente Getúlio Vargas institui o Código Eleitoral Brasileiro, definindo que era eleitor todo cidadão maior de 21 anos. A lei estabelecia

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/dra-zilda-arns-neumann>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

<sup>6</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 2016. p. 28.

<sup>7</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*, p. 30.



que, doravante, as mulheres tinham direito ao voto, contudo, ainda era necessária a autorização do marido.<sup>8</sup>

No cenário social e eclesiástico contemporâneo há muitos nomes de mulheres para lembrar. Um nome muito significativo, no entanto, é o da médica Zilda Arns Neumann, mais conhecida como Zilda Arns, cofundadora da Pastoral da Criança, conseguiu através da metodologia da pastoral multiplicar pelo país possibilidades de vida, onde antes pairava a morte, mudando estatísticas da mortalidade infantil no Brasil.

A lista de mulheres atuantes e gestoras de transformações sejam elas sociais, eclesiásticas e políticas é longa. É preciso que seja ensinado nas escolas e igrejas as histórias e trajetórias dessas mulheres a fim de animar e inspirar as meninas e jovens mulheres a acreditarem em suas capacidades.

Refletir sobre a missão da mulher no interior da sociedade e da igreja abre os olhos para o número de mulheres, de todas as idades, que se tornam estatísticas no índice de feminicídio, considerado por Cristiane Norberto como, “o assassinato de uma mulher em razão de gênero, da condição do sexo feminino. O autor do fato, geralmente, é pessoa próxima à vítima”.<sup>9</sup> Terminar um relacionamento ou não corresponder ao amor de alguém fez com que milhares de **mulheres** fossem assassinadas nos últimos anos.

Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, publicado pelo **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, entre 2016 e 2018 foram mais de **3,2 mil mortes** no país. Além disso, estimativa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), indica que, no mesmo período, mais de 3 mil casos de feminicídio não foram notificados.<sup>10</sup>

A missão da mulher passa por ações proféticas: trazer à luz o descaso, a exclusão e a invisibilidade, fazendo-se presente no dia a dia

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/as-pioneiras-que-abriram-o-caminho-para-as-mulheres-na-politica-brasileira/>>. Acesso em: 1 abr. 2020.

<sup>9</sup> NORBERTO, Cristiane. *Em três anos, 3.200 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil*. In: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/01/01/interna-brasil,817587/em-tres-anos-3-200-mulheres-foram-vitimas-de-femicidio-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

<sup>10</sup> NORBERTO, Cristiane. *Em três anos, 3.200 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil*. In: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/01/01/interna-brasil,817587/em-tres-anos-3-200-mulheres-foram-vitimas-de-femicidio-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2020.



das igrejas. Ações proféticas que se concretizam na criação de grupos de cuidado para mulheres que sofrem violência doméstica ensinando comunidades e lideranças a necessidade de meter a colher onde estiver acontecendo injustiça, abuso, descaso e violência. Olho roxo não é uma queda da escada. Relações violentas não iniciam com o evento causador do primeiro hematoma. A igreja tem, igualmente, uma missão em relação à mulher: o acolhimento e cuidado no sentido de oferecer auxílio para o fortalecimento do ser dessa pessoa que, por sentir-se fragmentada, necessita de ajuda para juntar os pedaços de si mesma. A psicologia fala em fortalecimento do ego, isto é, o fortalecimento do eu, ajudando a mulher a recuperar a sua ‘coragem de ser’, sua dignidade e capacidade de lutar por sua vida, e, muitas vezes, pela vida dos filhos e filhas e por seus direitos.

A missão da mulher é promover transformação e libertação como o fez Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica brasileira que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado; sua luta deu origem a Lei Federal n. 11.340/2006 que leva o seu nome. O marido de Maria da Penha, o economista e professor universitário Marco Antonio Heredia Viveros, tentou matá-la duas vezes em 1983. Na primeira vez, atirou simulando um assalto, na segunda, tentou eletrocutá-la enquanto ela tomava banho. Por conta das agressões sofridas, Penha ficou **paraplégica**. Viveros foi condenado somente em 2002 e solto em **2004**.<sup>11</sup>

Maria da Penha fez seu caso chegar à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e foi considerado, pela primeira vez na história, um crime de violência doméstica. Atualmente Maria da Penha é coordenadora de estudos da Associação de Estudos, Pesquisas e Publicações da Associação de Parentes e Amigos de Vítimas de Violência (APAVV), no Ceará.<sup>12</sup> Maria da Penha assumiu sua missão profética de falar, denunciar e assim fazer se ouvir e mudar a vida de outras tantas e tantas mulheres. A violência doméstica não é só da periferia; ela acontece nos mais diversos contextos sociais.

## Marcadas pela herança judaico-cristã

Os textos da herança judaico-cristã forjaram o pensamento e a construção da sociedade ocidental. Sobre tal influência, Elisabeth S. Fiorenza escreve que “a Bíblia, enquanto Escritura Sagrada, não é só

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.institutomariadapenha.org.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.institutomariadapenha.org.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.



um livro histórico, mas também reivindica significado e autoridade para os cristãos de hoje”.<sup>13</sup> Isto pode ser exemplificado por dois versículos, citados abaixo, que me foram enviados em busca de uma explicação ‘cabível’ sobre como o texto bíblico poderia ser considerado útil (ainda) para a vida das mulheres na contemporaneidade.

*Multiplicarei as dores de tua gravidez, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará. (Gn 3,16).*

*As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o Homem é a cabeça da Mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o Salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos (Ef 5,21-24).*

Tarefa nada fácil, uma vez que o pedido foi por um breve resumo. Já não há tempo para delongadas elucubrações hermenêuticas. Não é possível ler textos bíblicos de forma rápida, como busca de pílulas de mensagem divina imediata. É preciso beber de águas mais profundas. Há textos bíblicos portadores de discursos de extrema violência contra a mulher, há outros em que as mulheres protagonizam eventos de muita importância para a historiografia bíblica; são passagens que precisam ser lidas, trabalhadas e retrabalhadas em grupos, comunidades e homilias. Começamos com um olhar para o Antigo Testamento, de onde, entre muitos textos, três foram considerados relevantes para a temática em análise.

Do livro de Gênesis temos a evidência da igualdade do homem e da mulher: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27).<sup>14</sup> Mesmo que a versão mais difundida seja aquela em que a mulher é criada a partir da costela do homem<sup>15</sup>, aparecendo nas mais variadas anedotas e preconceitos derramados em tons misóginos. É preciso que se utilize uma chave hermenêutica que possibilite a ampliação, a fim de fazer o texto ser ‘útil’ como luzeiro na vida, não só das mulheres, mas de todo aquele e toda aquela que ali buscar por direcionamento e luz.

<sup>13</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 26.

<sup>14</sup> BÍBLIA Anotada. *Versão Almeida, Revista e Atualizada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p. 8.

<sup>15</sup> “E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lhe trouxe. (Gênesis 2. 22). BÍBLIA Anotada, 1994, p. 10.



Ao ler com mais profundidade e a partir do que o texto nos traz de simbólico, homem e mulher são da mesma matéria e, em semelhança com o próprio Deus. Segundo a *Bíblia do Peregrino*<sup>16</sup>, no comentário sobre os versículos de Gênesis 2,21-24, a palavra Adão, em hebraico, quer dizer ‘ser humano’, ‘humanidade’. A palavra para homem, em hebraico, é *ish* e para mulher a palavra é *isha*. Essas aproximações são comuns no livro de Gênesis, e isso deve alertar para o simbolismo do texto.<sup>17</sup>

O texto da criação é *poiésis* e narrativa fundante da fé no Deus Criador de tudo. A partir dessa narrativa podemos pensar a missão da mulher como integradora, que buscando colocar-se como criada, igualmente, à imagem e semelhança de Deus. É, portanto, merecedora dos mesmos lugares, parcerias e caminhos num mundo onde todos e todas possam ter lugar.

Vejamos o que nos traz o segundo texto do Antigo Testamento escolhido para a nossa reflexão:

O rei do Egito disse às parteiras dos hebreus, uma das quais se chamava Shifrá e a outra Puá: ‘Quando ajudardes as mulheres dos hebreus a darem a luz, olhai o sexo da criança. Se for um menino, matai-o. se for uma menina, deixai-a viver. As parteiras, porém, temiam a Deus. Não fizeram o que o rei do Egito lhes ordenara e deixaram os meninos viver’ (Ex 1,16-17).

A desobediência das duas mulheres é parte das raízes fundantes do povo judeu; se não fosse pelo binômio desobediência/obediência, isto é, desobedecer a ordem do rei e obedecer à sua convicção, servindo como instrumentos divinos, a história poderia ser outra. Deus usa mulheres para escrever a história. “No começo da história do Povo de Deus no Egito, enfatiza-se os partos e a amamentação. Todas as mulheres são apresentadas como aquelas que dão a vida e a defendem”<sup>18</sup>.

O livro de Números (27,1-11) há uma passagem inspiradora narrando o embate de cinco mulheres com os líderes religiosos questionando a lei que regia a sociedade patriarcal da época quanto a herança das terras deixada pelo pai. Somente o filho homem poderia herdar as

<sup>16</sup> SCHOKEL, Luis Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2005.

<sup>17</sup> Comentário semelhante, referente ao texto do livro de Gênesis 2. 21-24, encontramos na nota de rodapé da *Bíblia na Tradução Ecumênica*, 1995.

<sup>18</sup> ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto Silva; ANDERSON, Ana Flora. *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 28.





terras. Por ocasião da morte de Zelofeade, chefe de uma tribo dentro do clã de Manassés, as suas filhas Maalã, Noa, Hogla, Milca e Tirza enfrentaram um grande impasse, pois não havia irmão que pudesse herdar as terras da família. Às mulheres era proibida a participação em qualquer atividade pública.

Correndo o risco de perder as terras da família, elas se organizaram e vão à porta da comunidade para reivindicar o direito à herança deixada pelo pai. Elas foram até Moisés, o sacerdote Eleazar, e os príncipes da comunidade, lembrando-os como o seu pai sempre fora fiel a Deus. Moisés ouviu a argumentação das filhas de Zelofeade, que não viam razão para perder a terra por não haver um homem entre elas. Moisés recolheu-se para meditar e ouviu Deus dizendo: “Estas mulheres estão certas, elas têm esse direito de tomar posse da terra de seu pai. A terra lhes pertence. É seu direito. É justo que se passe a herança para elas”.

Ter a posse da terra significava que elas poderiam participar também das assembleias e das decisões políticas. Elas realmente meteram o nariz onde não haviam sido chamadas e se fizeram ser ouvidas. Mudou-se a lei e, a partir de então, a herança passou a ficar com o parente mais próximo, já não questionando se era homem ou mulher. A coragem e a determinação das cinco irmãs abriram um precedente e uma nova maneira de ver o mundo entre os israelitas. Abriram uma porta em uma parede fechada, humanizaram a lei e foram nela incluídas.

## Das notas de rodapé para o texto principal

Pensemos na metáfora da nota de rodapé: às mulheres foi relegado o espaço das notas de rodapé da história, mas sua missão é abrir precedentes para que seus feitos e sua vida tenham lugar no texto principal. Sua missão é cavoucar esperanças em terras áridas e forjar libertação. E, assim, garantir que as gerações de mulheres que virão depois delas já encontrem portas entreabertas, quiçá, escancaradas. Nos textos neotestamentários passagens polêmicas são encontradas, tais como:

*As mulheres calem-se nas assembleias; elas não têm permissão para falar; devem permanecer submissas, como o diz a lei. Se elas desejam instruir-se sobre algum detalhe, interroguem o marido em casa. Não convém que uma mulher fale nas assembleias (1Cor 14,34-35).*



Ora, por que é preciso mandar que as mulheres se calem? Segundo Elizabeth S. Fiorenza<sup>19</sup> há menção às mulheres quando elas apresentam uma exceção ou são um problema. Ivone Richter Reimer levanta outra possibilidade, quando assinala que, em todo Novo Testamento, “paralelamente à afirmação da liderança de mulheres na diaconia, no apostolado, na missão e no ensino, já apresentam um discurso que interdita essa liderança (ver 1Cor 11 e 14; Rm 16)”<sup>20</sup> A observação que Reimer faz sobre a interdição da fala das mulheres no texto bíblico, é ainda atual e corrente. Em reuniões de liderança em comunidades ou mesmo em empresas é possível observar mulheres sendo desacreditadas ou se deixando desacreditar, o que, a longo prazo, pode gerar adoecimentos de extrema gravidade. A missão da mulher, nesse contexto, é creditar em si mesma, ouvir e apoiar-se mutuamente, somente assim poderá ser ouvida e receber os créditos por sua fala, seus feitos e sua trajetória.

Ser uma mulher cristã, na contemporaneidade, é edificar-se sobre processos sociais e históricos de apagamento, mas também da luta dessas mesmas mulheres por libertação e por transcender a ordem excludente e opressora. Textos bíblicos com claro tom de opressão, construções de linguagem que oprimem e excluem, não devem ser tomados “erroneamente como documento fidedigno de história, cultura e religião humanas. O texto pode ser a mensagem, mas a mensagem não é coincidente com a realidade e história humanas”, argumenta Fiorenza. Podemos, então, dizer que a revelação do Evangelho só poderá dar-se a partir de “textos e modelos interpretativos que transcendem criticamente os seus quadros patriarcais e permitem uma visão de mulheres cristãs como sujeitos e atores históricos e teológicos”<sup>21</sup> Uma hermenêutica capaz de diagnosticar não só as passagens de opressão e exclusão, mas jogar luz sobre as passagens em que o próprio Cristo chama mulheres para um papel de protagonismo no movimento religioso que estava nascendo em torno dele.

Elizabeth S. Fiorenza, em *Caminhos da Sabedoria*, sugere alguns giros hermenêuticos, entre eles está o “da hermenêutica da dominação e do lugar social”<sup>22</sup>, onde a autora chama a atenção para uma interpretação

<sup>19</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

<sup>20</sup> REIMER, Ivone Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos interpretações e histórias*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 52.

<sup>21</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 57.

<sup>22</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Caminhos de Sabedoria*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 194.



crítica que reflita sobre nosso próprio lugar social, cultural e religioso que configura nossa própria experiência e reação acerca de uma passagem bíblica. Outro giro hermenêutico sugerido é o da suspeita: “ensina-se a nós, leitoras/es da Bíblia, que devemos nos aproximar dela com uma hermenêutica de respeito, aceitação, consentimento e obediência”.<sup>23</sup> Em lugar de uma hermenêutica que aprecia e consente, a autora aponta para uma:

*leitura crítica orientada pela libertação deve desenvolver uma hermenêutica da suspeita que coloca em todos os textos bíblicos a advertência. [...] Tal hermenêutica da suspeita não toma ao pé da letra o texto kyriocêntrico e sua pretensão de autoridade divina. Em vez disso, analisa-o em relação a funções ideológicas que ele desempenha no interesse da dominação. Se você interiorizou a autoridade bíblica como tabu inquestionável, ou se suas experiências com a bíblia foram positivas.<sup>24</sup> (FIORENZA, 2009, p. 197)*

Se o cânon bíblico<sup>25</sup> nos convida a um estranhar e, ao mesmo tempo, um entranhar no texto por entre as palavras a fim de desvendar a presença da mulher, é ingênuo relegar a mulher ao lugar do “não ser” na religião bíblica. Há textos e nomes, histórias e desventuras que animam a ver com profundidade os textos. Elizabeth S. Fiorenza sugere uma hermenêutica que não se baseie “na experiência de sexo biológico e de diferenças essenciais de gênero, mas na experiência histórica comum de mulheres”<sup>26</sup>

## Mulheres e seus papéis num mundo patriarcal bíblico

Qualquer reconstrução das origens cristãs primitivas precisará levar em conta não só a perspectiva histórica, mas também uma nova hermenêutica que considere o olhar para o que está além do texto e história contados. Os textos dos evangelhos são repletos de pistas dadas por um Jesus que caminha com mulheres (Lc 8), pede água a uma mulher samaritana (Jo 4), hospeda-se na casa de mulheres e ensina-as (Lc 10,38-42), deixa-se tocar e ungir com perfume por uma mulher (Mc 14,3-9).

<sup>23</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Caminhos de Sabedoria*, p. 197.

<sup>24</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Caminhos de Sabedoria*, p. 197.

<sup>25</sup> Para saber mais sobre os processos de canonização dos textos do cristianismo, é recomendada a leitura da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, v. 42-43, 2002, que aborda o tema.

<sup>26</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Caminhos de Sabedoria*, p. 58.



Mulheres desempenharam papéis preponderantes na vida e ministério de Jesus, algumas nominadas e outras sem terem seus nomes citados. Aqui lembraremos algumas dessas mulheres em seus papéis.

O papel de Maria, a mãe, que teve que assumir com toda a sua coragem a missão que lhe fora destinada. Como foi assumir essa tarefa de gerar o Filho de Deus, estar grávida sem estar casada, diante da sociedade e do noivo? Elza Tamez lembra que “Maria conhecia bem a tradição de seu povo judeu e reconheceu nas palavras do anjo as mesmas que ela tinha ouvido antes sobre as promessas messiânicas”.<sup>27</sup> Contudo, Maria está inserida num contexto em que poderia sofrer sérias consequências por engravidar sem estar casada:

*Maria de Nazaré aceita o desafio de ser mãe solteira aos olhos da sociedade, havendo ainda a possibilidade de que seu futuro esposo a rejeitasse por estar grávida. Com isso aceita também a possibilidade de ser apedrejada por tornar-se uma adúltera, pois engravidara antes do casamento.*<sup>28</sup>

Foi preciso a intervenção divina fazendo um anjo falar com o noivo José em sonho, para que ele acreditasse em Maria e a acolhesse. O relato sinaliza que havia a possibilidade de José abandonar Maria porque estava grávida ‘de outro’.

Qual o papel dessa outra mulher descrita como intrusa e pagã, nascida em Canaã? (Mt 15,21-28). Sabemos somente que ela questiona Jesus, o interpela e pede explicações. Apresentada pela narrativa bíblica como alguém que chega gritando para conseguir a atenção de Jesus, sendo pagã ela não deveria estar ali e ela sabe de sua condição de excluída, mas se fez ser notada e, ao final da conversa que conseguiu ter com o Senhor, ela ouviu: “Mulher, grande é a tua fé! Suceda conforme queres!”.

Sabemos, pelos relatos bíblicos, que na época as mulheres não eram incluídas e consideradas nos censos, o que fica evidente na contagem daqueles que comeram na tarde da multiplicação dos pães: “os que tinham comido eram quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mt 15,38). Nossa personagem, mesmo tendo consciência de seu *status* ou, da falta dele, lança-se em direção a Jesus, que é sua última esperança,

<sup>27</sup> TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, Clai, 2004. p. 10.

<sup>28</sup> TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus*, p. 18.



para salvar a sua filha. Para os discípulos, uma inoportuna, talvez uma histórica. Sua filha, muito doente, é apresentada como uma menina que está possuída por espíritos estranhos. Estar possuído significava estar tomado por uma força sobre-humana que maltratava e fazia a pessoa parecer um animal.

Outra mulher, Maria Madalena, a seguidora e apóstola, convocada pelo próprio Cristo a assumir um papel de suma importância: instrumento da fé pascal. Nesse sentido, Fiorenza aponta que:

*a fé cristã se declara como memoria passionis, mortis et resurrectionis Jesu Christi. No centro desta fé está uma específica memória passionis sobre que se funda a promessa de futura liberdade para todos [...] a memória cristã insiste que a história do sofrimento humano não só é parte da pré-história da liberdade, mas também permanece um aspecto interno da história da liberdade.*<sup>29</sup>

Parte importante da *memoria passionis* é a notícia do evento fundante da fé cristã – a ressurreição dos mortos – por ter sido dada às mulheres. Foram elas as primeiras a testemunhar e ouvirem do próprio Cristo ressurreto a notícia de sua ressurreição. A notícia é dada para Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé que estavam lá para embalsamar o corpo e encontraram o túmulo vazio. A notícia as encheu de medo, conforme lemos nos Evangelhos: “Então elas saíram e fugiram do túmulo, apavoradas e tremendo. E não contaram nada a ninguém porque estavam com muito medo” (Mc 16,8-9).

Como mulheres poderiam ser portadoras de uma notícia tão transformadora? Quem lhes daria crédito? A narrativa continua contando sobre como:

*Jesus ressuscitou no domingo bem cedo e apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi contar isso aos companheiros de Jesus, pois eles estavam tristes e chorando. Quando a ouviram dizer que Jesus estava vivo e que tinha aparecido a ela, eles não acreditaram (Mc 16,9-11).*

Como acreditar numa mulher e, por que acreditar justamente em uma mulher que havia sido possuída por sete demônios? Uma vez, alguém me disse durante uma celebração pascal, que Jesus, após ter ressuscitado,

<sup>29</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 60.



aparecera primeiro para uma mulher porque tinha certeza de que ela espalharia a notícia. A ironia foi acatada como um dado histórico. Maria Madalena foi a primeira a não achar que a ressurreição era loucura. Se ela tivesse guardado silêncio, o que teria sido da história do cristianismo? Ela saiu correndo e gritando: “Ele está vivo! Ele está vivo!”. Esta é a grande confissão de fé do cristianismo: Ele está vivo. Foi ela, uma mulher, que correu para onde estavam os discípulos (escondidos e amedrontados) e deu a notícia: Ele está vivo! Maria Madalena, uma mulher pecadora, foi escolhida para anunciar a notícia.

Sim, justamente ela. Uma mulher moldada do pó da terra. Mulheres moldadas por Deus, machucadas pela vida e, algumas vezes, por si. É preciso que as mulheres acreditem em si mesmas, assim como Maria Madalena. Jesus não apareceria primeiro a uma mulher. Não, Ele não faria isso! Ou faria? Encontrar um morto que reviveu e ainda acreditar? Uns dirão que é absurdo. Outros que é mistério. Foi preciso fé. E Maria Madalena teve fé, profunda fé. Assim as mulheres tornaram-se testemunhas, visionárias e apóstolas de Jesus:

*se as mulheres ‘viram’ e receberam a ordem de ‘anunciar’ aos demais apóstolos que Jesus ressuscitou, essa visão objetivou proporcionar legitimidade e autoridade apostólica às mulheres, demonstrando que elas têm não apenas o apoio divino, mas a incumbência de realizar as mulheres tendo recebido.<sup>30</sup>*

Se às mulheres é destinado, pelo próprio Cristo, o papel visível e protagonista, no decorrer da história eclesiástica não foi bem assim. A presença da mulher no ministério eclesiástico ordenado foi sempre um assunto polêmico de discussões acaloradas.

Segundo Maria Cecília Domezi, na Igreja Católica o assunto apareceu com a proximidade do Concílio Vaticano II, início da década 1960. Na Igreja luterana, principalmente na Europa, o debate teológico sobre a participação oficial se intensificou-se na década de 1920, “porque muitas mulheres passaram a ocupar posição importante na Igreja, substituindo os homens mobilizados pela guerra.<sup>31</sup> Contudo, é possível encontrar referências quanto à presença da mulher no ministério eclesiástico ordenado muito antes.

<sup>30</sup> REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres*, p. 82.

<sup>31</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 2016. p. 16.



Olhando para a história é possível encontrar referências, por exemplo, ao nome de Regina Jonas, nascida em Berlim (3 de agosto de 1902) e morta em Auschwitz (12 de Dezembro de 1944). Com formação em Berlim, pelo Instituto Superior de Estudos Judaicos, Regina é considerada a primeira mulher judia a ser ordenada rabina em todo o mundo.<sup>32</sup> Já nas igrejas protestantes, o primeiro registro que se tem remonta ao ano de 1948, na Igreja da Dinamarca (protestante luterana), e, a partir de 1958, na Igreja da Suécia (protestante luterana) que tem desde 2013 uma arcebispa.<sup>33</sup>

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, não há documentos que fundamentem a ordenação de mulheres ao ministério; tem-se somente o registro dos fatos. A primeira mulher a matricular-se na Faculdade de Teologia, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi Eva Wysk, em 1952; somente em 1970 Elisabeth Dietschi seria a primeira a se formar bacharel em teologia. A primeira ordenação, no entanto, viria somente na década seguinte, com pastora Edna Ramminger, em 1982.<sup>34</sup> A IECLB conta, atualmente, com cerca de “350 ministras ordenadas entre pastoras, catequistas, diáconas e missionárias, de um total de 1220 pessoas ordenadas na IECLB”.<sup>35</sup>

Segundo Domezi, o Concílio Vaticano II “inaugurou nova era na história da Igreja, chamou mulheres para dentro da aula conciliar. Eram bem poucas e sem direito à palavra na assembleia, mas deram preciosas contribuições para a formulação de textos que chegaram à composição dos documentos conciliares”.<sup>36</sup>

O Papa João XXIII reconheceu a emancipação da mulher, ao citar na Encíclica *Pacem in Terris* (n. 41), os fenômenos que caracterizam nossa época:

*Em segundo lugar, o fato por demais conhecido, isto é, o ingresso da mulher na vida pública: mais acentuado talvez em povos de civilização cristã; mais tardio, mas já em escala considerável, em povos de outras*

<sup>32</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Regina\\_Jonas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Regina_Jonas)>. Acesso em: 2 abr. 2020.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/noticias/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/alegres-jubilai-35-anos-de-mulheres-no-ministerio-com-ordenacao-na-ieclb>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/noticias/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

<sup>36</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*, p. 16.



*tradições e cultura. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social.*<sup>37</sup>

Apesar do texto da Encíclica, Domezi chama a atenção para o fato de ainda estar longe “o reconhecimento e a assimilação cultural dos direitos das mulheres e da igualdade moral delas em relação aos homens”.<sup>38</sup> Mas as mulheres foram além e pintaram portas abertas e brechas em paredes que lhes foram fechadas e encontraram um jeito de articular sua participação no concílio e, segundo Domezi, as mulheres solidificaram uma nova consciência da representação eclesial.

## Conclusão

Escrever sobre a missão da mulher no interior da igreja e da sociedade sempre é tarefa desafiadora, pois remete de igual forma à missão da igreja para com as mulheres. Não tem como falar de uma, sem falar da outra.

Algumas das passagens bíblicas que ora incomodam, ora inspiram, são retomados no artigo para uma reflexão que possa mobilizar olhares diferentes e responsáveis para com a presença da mulher nos diferentes contextos sociais e eclesiais. Haja vista que, se a fidelidade ao Evangelho é o que traz libertação, inclusão e pertencimento é, também, o que dá forças para cavoucar o próprio texto sagrado até encontrar luz. Transcender a ordem estabelecida para ser fiel a sua missão, como o fez Maria, Maria Madalena e tantas outras, é assumir diante de Deus o compromisso de ser fiel a Ele e a si mesma.

As mulheres, nos relatos bíblicos, são aquelas que, como instrumentos de Deus, visionárias e apóstolas, estão encarregadas da mensagem de vida, da boa nova. E, por isso mesmo, são as que rompem e transformam. A esperança pascal foi confiada, em primeira mão, às mulheres. Vimos no artigo que as lutas e buscas das mulheres sempre foram por toda a sociedade, não só para que elas fossem incluídas, mas para que homens e mulheres pudessem experimentar libertação e justiça.

<sup>37</sup> PAPA JOÃO XXIII, Sumo Pontífice. *Carta Encíclica Pacem Terris*. Santa Sé, 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.pdf](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2020 (PT, n. 41).

<sup>38</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*, p. 11.





Se hoje mulheres tem caminhos abertos é porque muitas outras mulheres travaram verdadeiras batalhas por todas as demais. Se hoje a palavra feminismo é temida, rechaçada e controvertida, é preciso, no entanto, reconhecer que é graças aos movimentos feministas que hoje as mulheres encontram muitas portas abertas e conseguem, se quiserem, abrir tantas outras.

É missão delas e da Igreja para com elas, não só tornar visíveis as mulheres na historiografia bíblica e eclesiástica, mas fortalecer cada mulher para que possa assumir sua vida sem medo. É preciso que se ensine, com teimosia hermenêutica, que ela também é imagem e semelhança do Criador. E, por isso, só um pouco menor do que os anjos: “Tu fizeste o ser humano um pouco menor do que os anjos e o coroaste de glória e de honra” (Hb 2,7). Há diferenças entre homens e mulheres, diferenças que somam e não excluem. Deus é amor, o amor não exclui.

## Referências

ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto Silva; ANDERSON, Ana Flora. *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BIDEGAIN, Ana Maria. (org) *Mulheres: autonomia e controle religioso na América latina*. Petrópolis: Vozes; CEHILA, 1996.

DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 2016.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Sabedoria*. Uma interpretação bíblica feminista. Tradução: Monica Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Obras Completas. Vol. 7/1 Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.18.

PAPA JOÃO XXIII, Sumo Pontífice. *Carta Encíclica Pacem Terris*. Santa Sé, 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.pdf](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2020.



REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos interpretações e histórias*. São Paulo: Paulus, 2013.

TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal; Clai, 2004.

SCHOKEL, Luis Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2005.